

Apresentação

Tudo começou com o meu tataravô. Conta a tradição familiar que, em meados do século XIX, ele era proprietário de vários canaviais na ilha de Marajó. Logo ele, nascido em Tânger, tido como um homem fino e educado, virou senhor de escravos no Pará. Já teria vindo para o Brasil casado e com três filhos: Samuel, José e Belízia, a quem só se chamava Vida, “Mãe Vida”, como me lembro das histórias da minha avó. Mãe Vida, apesar de vinda do Marrocos, só falava português. Dizia que era brasileira.

Pois bem: Belízia Levy não só era marroquina, como de boa cepa: descendente do *Chacham* Haim Pinto,¹ casou-se com David Benoliel, também “nobre”, sobrinho do rabino Shemtob. A filha do casal, Esther, casou-se com o também Levy Eliezer – descendente do Reb Eliezer Dabela, a quem se atribuía vários milagres, entre eles o de parar uma enchente. Até hoje há quem faça fila em Casablanca para reverenciar seu bastão. A união aconteceu em Cametá, no Pará, no dia 21 de março de 1900.²

Cresci ouvindo estas histórias. Achava engraçado pensar que meus bisavós podiam ser imigrantes, descendentes de imigrantes, e ao mesmo tempo viver na Amazônia. Imaginava-os casando em cima de uma gigantesca vitória régia, cercados de índios.

Olhando retrospectivamente, acho interessante que eu pudesse supor que o Brasil fosse um lugar pitoresco para meus antepassados, quando os estranhos, aos olhos dos brasileiros, eram eles. Ou, pelo menos, aos olhos daqueles brasileiros que haviam chegado antes. Investigar este sentimento mútuo de estranhamento – comum a todas as histórias de imigração, afinal de contas – é um dos objetivos deste livro.

O Brasil foi o destino de milhares de judeus e cristãos-novos, boa parte dos quais convertidos compulsoriamente, que aqui chegaram vindos dos quatro cantos do mundo. Buscavam encontrar um lugar seguro contra as discriminações que os levaram a deixar seus países de origem. Foi assim desde o início da colonização brasileira, quando várias levas de cristãos-novos deixaram Portugal fugindo de massacres e acusações de terem provocado grandes tragédias, como o terremoto ocorrido em Lisboa em 1531; foi assim durante o período de ocupação holandesa no Nordeste, quando membros da comunidade judaica de

¹ Explicar Chacham

² Este relato está baseado no artigo de Sultana Levy Rosenblatt, “Como viemos parar na Amazônia”, in *Morashá*, no. 30, setembro de 2000.

Amsterdã oriundos da Península Ibérica lá estabeleceram-se motivados pelas promessas de tolerância religiosa; e o mesmo aconteceu com judeus vindos da Europa Central e Oriental, que fugiam dos ataques anti-semitas que se faziam cada vez mais comuns à medida que o século XX avançava.

Como os outros imigrantes e nativos, em todos estes anos os judeus e cristãos novos que para o Brasil vieram sofreram as agruras de habitarem este canto do mundo, e neste passo foram aos poucos se tornando brasileiros. Assim como todos aqueles considerados hereges, os seguidores de práticas judaizantes foram perseguidos pela Inquisição; como negros, mulatos, índios e mouros, foram formalmente impedidos de ocupar cargos públicos, religiosos e honoríficos durante boa parte do período colonial, por causa da “mancha de sangue” que supostamente os diferenciava dos cristãos velhos; durante o Estado Novo, a entrada de muitos refugiados foi impedida por uma “legislação especial” que restringia a entrada de judeus no Brasil, justamente quando suas sobrevivências eram ameaçadas na Europa pelo nazi-fascismo.

Se as histórias de estranhamento ligam as trajetórias dos imigrantes judeus às de tantos outros que no Brasil chegaram, as razões particulares pelas quais muitos imigraram – perseguições – e as particularidades do anti-semitismo no Brasil tornam a história da formação e manutenção deste grupo ao longo do tempo bastante peculiar, já que a inexistência de movimentos anti-semitas perenes ou práticas discriminatórias significativas no Brasil contribuiu em muito para que os laços étnicos judaicos, antes definidos pela religião, cultura, língua e filiação política, fossem aos poucos sendo substituídos por uma outra identificação mais ampla: ao longo de sua permanência no Brasil, os judeus redefiniram as bases de sua identidade, a ponto de não poderem mais ser dissociados do país onde nasceram ou para o qual imigraram.

Os textos que compõem este volume abordam estas duas questões de diferentes maneiras, e a partir de distintas perspectivas historiográficas. Eles foram divididos em duas seções: *Inquisição, judeus e cristãos-novos no Brasil colonial e Imigração e identidade judaica no Brasil contemporâneo*. Na primeira, com textos de Ronaldo Vainfas, Jacqueline Hermann, Ângelo Assis, Bruno Feitler, Francisco Moreno de Carvalho, Lina Gorenstein e Anita Novinsky, são explorados os diferentes significados das categorias judeus e cristãos-

novos no período colonial, principalmente a partir dos impactos causados pelas práticas inquisitoriais no Brasil. Enfoque particular é dado ao período holandês, quando vários judeus se estabeleceram no Nordeste, criando, inclusive, situações inéditas de convívio com cristãos-novos, sem que estes resolvessem abraçar o judaísmo. Na segunda seção, com textos de Keila Grinberg, Raquel Mizrahi, Flávio Limonic, Roney Cytrynowicz, Jeff Lesser, Maria Luiza Tucci Carneiro, Joelle Rouchou e Beatriz Kushnir, a ênfase está nos diferentes grupos de judeus que imigraram para o Brasil a partir do século XIX, suas tentativas de estabelecer comunidades específicas e suas vivências cotidianas. Por fim, o anexo elaborado por Marcos Chor Maio e Carlos Eduardo Calaça dedica-se a compilar e analisar a bibliografia sobre anti-semitismo publicada no Brasil.

Este livro começou a ser planejado a partir de um curso ocorrido no *Centro de História e Cultura Judaica*, no Rio de Janeiro, ao longo do ano de 2000. Agradeço a Paulo Geiger e a Kitty e Ezequiel Rosman o apoio que sempre me deram e o entusiasmo com que acolheram minhas idéias. Agradeço também a confiança dos autores dos artigos, que acreditaram neste projeto e vêm esperando por seus resultados há mais tempo do que seria razoável supor.

Keila Grinberg